



D. Antonio Augusto de Castro Meireles

ILUSTRE BISPO COADJUTOR DA DIOCESE DO PORTO

Braga, 6 de Outubro de 1928

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

Ilustração Catholica

NUMERO 341 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L.da

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES :

Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS :

Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

COLÉGIO ALMEIDA GARRETT

Na Quinta do Mirante

Praça do Coronel Pacheco, 1 — PORTO — Telf. 4527

E' o colégio mais frequentado do País e o que melhores resultados obteve no Liceu Rodrigues de Freitas, ÚNICO AONDE MANDA ALUNOS A EXAMES

Admite alunos internos, semi-internos e externos para o ensino PRIMÁRIO (desde as 1.^{as} letras), SECUNDÁRIO LICEAL (com os cursos complementares de letras e sciências) e COMERCIAL (com escritórios adequados para o ensino prático).

As instalações — GABINETE DE FÍSICA, LABORATÓRIO DE QUÍMICA, MUSEUS DE HISTORIA NATURAL, SALÃO DE FESTAS COM CINEMA E RÁDIO-TELEFONIA, CAPELA, BALNEÁRIO, DORMITÓRIOS, etc. — podem ser visitadas em qualquer dia.

O movimento escolar, resultado de exames officiais, medidas de higiene e educação fisica, orientação moral, religiosa, disciplinar e pedagógica, constam dum Prospecto-Relatório que será mandado a quem o requisitar aos

DIRECTORES } *P.^e Guimarães Dias, P.^e Adão de Carvalho,
Dr. Carlos de Aguiar, Dr. Avelino Soares.*

LIMA, FILHÃO & C.^A L.^{DA}

Grandes Armazens da Caixa de Credito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56 — Telefone 31 (1.^o andar)

BRAGA

Operações de Crédito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria. Deposito de Máquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

— 88 —

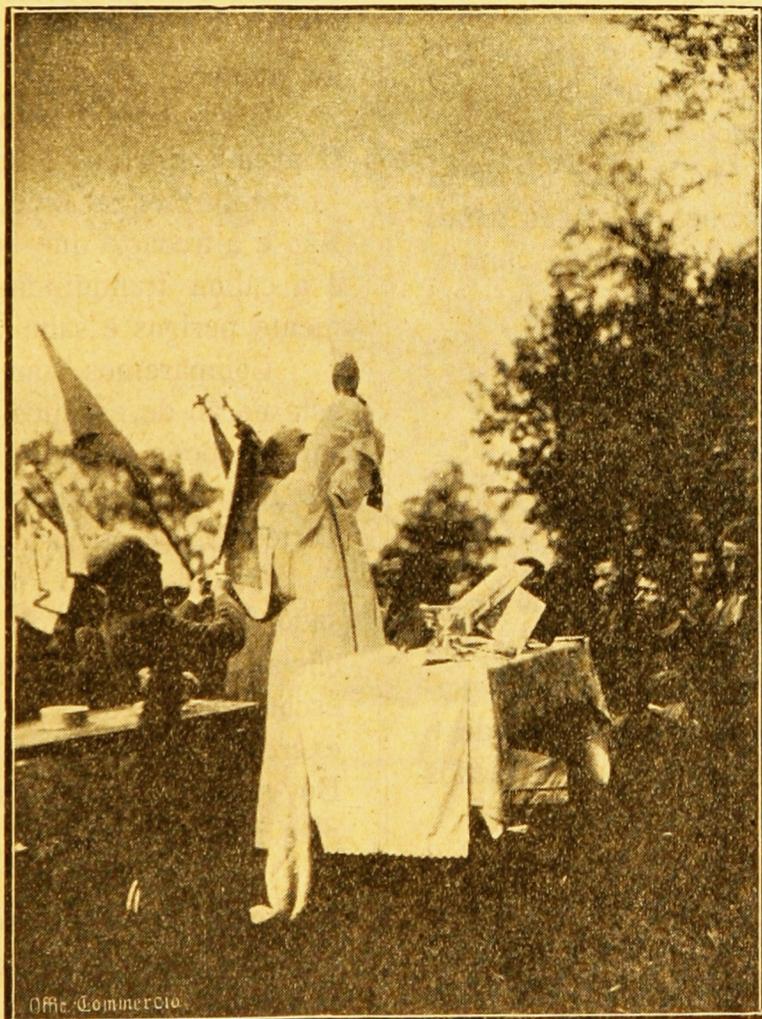
Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º
Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 6 de Outubro de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 341



Off. Comercio

II ACAMPAMENTO NACIONAL DO C. N. S.
Na missa Campal — A' Elevação (Fot. A. Silva Vicente)

MANSINHO vem descendo da serra da Lapa o rio Vouga, entre sinceirais verdejantes, suavemente.

Mansinho vem descendo até espraiair as águas piscosas e claras na bacia de vasta ria, em cujas margens se levantou Aveiro, com garbo senhoril ostentando o senhoril dominio de Veneza lusitana. Cerca da foz, onde no entumescer do caudal, que vão no salgar das aguas, se faz sentir o regimen das marés, entre arrozais frescos, à margem de cerrados que no inverno, são anateirados pelo rio que procede então como outro Nilo, demora Cacia, uma das mais apraziveis e formosas terras ribeirinhas.

Lapiros de nobreza poderiam descortinar-lhe arqueólogos, bem que tenha feição de moderna, desprovida, quasi, de monumentos notaveis, entre os quais contamos a Cruz que serve de eixo á rua da Amargura, bem perto da matriz. Com seus cinco logares importantes e X. sete milhares de habitantes, Cacia tem, um aspecto de pacífica povoação rural, de povo laborioso, dedicado á vida campestina. No frescor virente da paisagem recortase, por vezes, rio acima, o alvor de uma vela, aza de sonho, branca, a vrejar tranquila no dealbar da manhã.

Foi nesse rincão mimoso, edenico, que o Corpo Nacional de Scouts realizou, pouco ha, o seu segundo acampamento. Duas centenas de rapazes, idos de todo o Portugal, viveram ali quinze dias, entregues a si proprios, na antoformação do seu character e das suas qualidades, na disciplina de responsabilidade e iniciativa que é, com a formação de pequenos grupos, todo o segredo dessa obra.

Rapazes de todo o Portugal. Foram ali os nossos bracarenses, da terra onde o Corpo Nacional de Scouts primeiro asteou a verde, esperançosa bandeira flordelisada, Vieram da longinqua Madeira, unidos assim de tão diferentes latitudes num só ideal, numa só aspiração.

O ideal, a aspiração do Corpo Nacional de Scouts, é a formação completa dos ra-

pazes, tornando-os capazes de resolverem as suas dificuldades, capazes se se bastarem a si proprios, em todas as circunstancias da vida.

Estes acampamentos servem para desenvolver e melhorar as aptidões latentes, dar pratica ás lições teoricas começadas nas sedes dos grupos, estabelecer contacto de uns com outros agrupamentos: numa palavra, fazer viver a vida do escoteirismo.

Os acampamentos são o meio pratico, eficaz de formar o *escoteiro*. A palavra resume em si o ideal da obra que o lema *Alerta* ou *Sempre prestes* traduz perfeitamente. O escoteiro é um rapaz que procura educar-se a si proprio para estar preparado para tudo; deante do escoteirismo não podem existir dificuldades insuperaveis: a sua ligeireza — escoteiro, em português, significa expedito — é inegualavel.

O escoteiro é bem o character português. O aventureiro dos grandes empreendimentos — aventureiro racional, aventura racionada. Não é a audacia que se arroja ao imprevisto, é a calma tranquillidade que abarca rapidamente perigos e sabe vence-los serenamente.

Comparemos com a historia portuguesa esta noção de escotice, e havemos de confessar que bons escoteiros foram os Mendes da Maia, e a flordelisada inclita geração, os Côrtes-Real e os Vascos da Gama.

Quando Baden Powell em Mafeking, cansado de revezes, e do dessoramento de seus officiais, buscou em rapazes que imitassem o escoteirismo boer, a salvação ao dizimado exercito inglês, deu-lhes a designação de Boy-scouts: rapazes-esculcos. O «scout» inglês, significa batedor e tambem espia.

Aquí em Portugal ao assumirmos o nome *escoteiro* devemos restituir-lhe o pristino significado dos nossos classicos: expedito, diligente, o que marcha na vanguarda. Os escoteiros portugueses — por Deus! não lhe chamem disparatadamente escutos, que é feio! — os escuteiros portugueses são os que marcham á frente para um Portugal melhor. O acampamento de Cacia é uma prova salutar.

DA TERRA DO PARAIZO

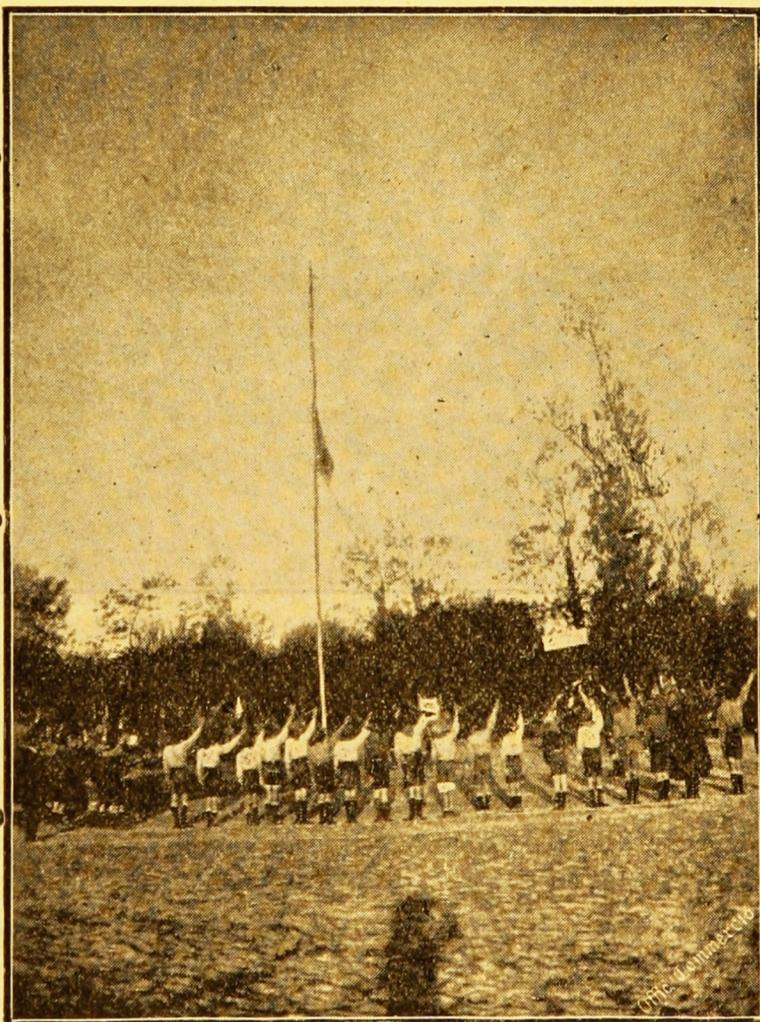
MARGARIDA, Josefina, Lucia e tu ó Rita — olhae lá! — . . . Trazei-vos para bem perto de nós, raparigas da nossa terra, encantos desse outro encanto...

Que saudades dos teus olhos castanhos — tão vivos! — ó Guida . . . Da tua boca de roza, — tão vermelha, tão vermelha! — Josefina . . . Da graça do teu sorriso, sempre em flôr nos labios frescos, Lucia . . . E tu ó Rita, de lindo perfil de madona, carinha triste, carinha de santa, como nos alembravas lá por longe por onde andamos desterrados! Como nos alembravas! Se vós cuidasseis o que é andar por longe, cheios de saudades, cheios de tristezas, olhos chorando de penas a ver na alma esta paizagem que se não vê, a ver no coração arvôres, montes, rios de aguas brancas que ficaram por cá convosco, moças ingenuas, deleciosas creaturinhas do Senhor.

Por lá andamos assim como dois exilados, sem poder amar o que viamos, sem poder ser vistos pelo que amava-mos. Nem arvôres delicadas de folhagem de oiro e seda, nem lindos jardins onde abrem flores de paraizo, nem lagos onde adormecem aguasazins, nem ruas movimentadas e ruidosas, cheias de *brouháhá*, nem aqueles altivos e imponentes palacios de granito, nem aquelas mulheres lindas e altivas como aqueles palacios conseguiram apagar dentro de nós a amorosa lembrança desta paizagem d'ecogla, das arvôres que a reverdecem, do rio que corre sob elas, do ceu que se espelha neste rio, dos montes de veludo que beijam este ceu, da nossa casita graciosa á beira do caminho, por onde vós passais cheias de riso ó mulheres inegalaveis desta terra ineguala-

vel, onde tudo é lindo. viçoso, doce e tão mais lindo, viçoso e doce evocado assim com os olhos da alma.

A todos os momentos, lá muito longe, te relembrava-mos ó doce terra do Paraizo, muito escondida cá para



II ACAMPAMENTO NACIONAL DO C. N. S.

O Inçar da Bandeira

(Fot. A. Silva Vicente)

alem por a cortina cerrada e hostile de amplas serranias que repeliam constantemente o vôo sofrego mas inutil dos nossos olhos de nostalgicos.

Cheia do nosso passado, da nossa meninice, quasi que te subjugava-mos a poder de te confundir nas emoções da alma, identificando-te comnosco á força de intimidade e de convivencia espiri-

tual. E por isso mesmo nós te vemos sempre, ó adoravel terra berço, molhada das nossas primeiras lagrimas e fulva dos nossos primeiros risos, com olhos onde o amor e a saudade veem bem mais longe e bem mais fundo que a propria retina. Sob o seu aspecto de formas, de cores, a sua beleza carnal, diremos assim, há uma alma que fala á nossa. Cada arvore das arvores que nela vicejam e a enchem de aladas palpitações como azas de verdura ao sopro dos ventos; cada retalho do rio sentimental que por ela fóra vai cantando

volve e fecunda; esse inegalavel ceu azul cobrindo tudo na sua caricia infinita, teem para nós um intimo prestigio que só nós podemos ver e sentir porque só nós sabemos como da poesia esparsa que de tudo se evola se fez esta alma que trazemos comnosco.

Com que alegria pois vos tornamos a ver, lindo horizonte de sorrisos, lindo vale de Virgilio, lindas e esbeltas raparigas da nossa terra!

Já disseram á paizagem a alegria de tornar a vê-la nossos olhos de poetas, já saudamos amigamente estas ar-

vores, já falamos com o nosso silencio á agua cristalina deste rio, já rezamos comovidamente á doce imagem de Nossa Senhora da Soledade, muito triste, muito triste no seu vestido azul como uma fimbria de ceu e no seu manto roxo como um crepusculo outonal. E botamos por esses campos fóra, á luz carinhosa e anacreontica deste sol, á procura de vós.

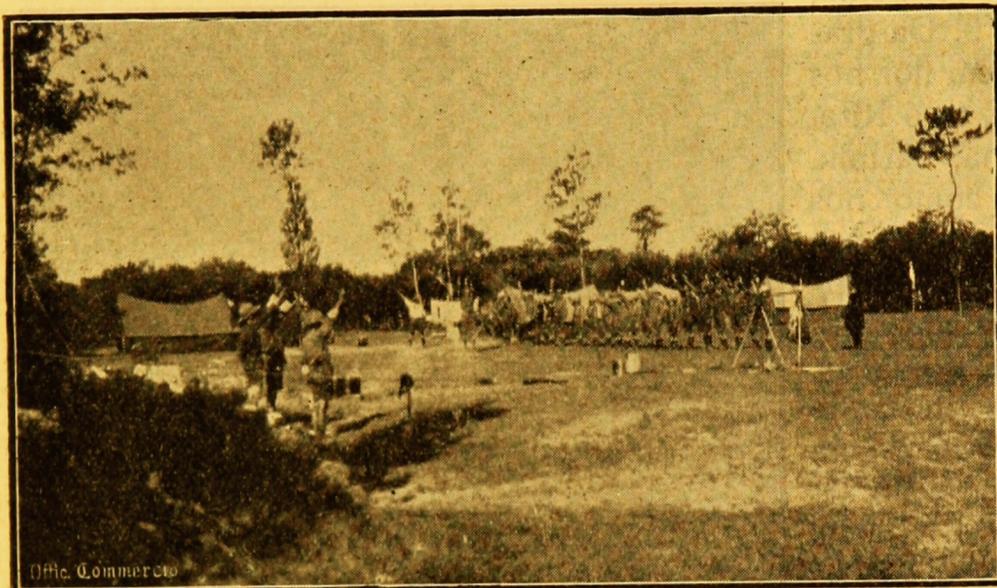
Margarida, Josefina, Lucia e tu ó Rita,

oh lá! Sois as mais lindas moças que por cá deixamos e não podiamos esquecer-vos. Como se nos alegra a alma, como rejubila o coração ao ver-vos assim tão sadias, tão cheias de vigor, rosas do valado que abrem ao sol e que nós deixamos em botão.

Como sois lindas! Como é de encantar esse arsinho envergonhado dos vossos rostos, a pureza desses olhos tão limpidos que nem o rio lá em baixo, sob os salgueiros em renda. Deveis ter dentro desses peitinhos, alvos como os montes em Dezembro pelas nevadas, os corações mais puros do mundo.

Que virgindade, ahi!

Apostamos que nem amais ainda apesar dos teus olhos castanhos, ó Guida, dos teus labios de roza, Josefina, do teu sorriso de flor, Lucia, do teu cora-



II ACAMPAMENTO NACIONAL DO C. N. S.

O acampamento da região de Vizeu ao Içar a Bandeira

ternuras humidas e misteriosas de aguas macias e apaixonadas; as suas manhãs fantasiosas de nevoa e sol, tulle e oiro; os seus meios dias cruciantes de braza, os seus crepusculos idilicos de ecogla; o misticismo das suas noites de luar e de seda, a musica dos seus regatos e das suas aves; choros de noras e trilos de rouxinois; a fisionomia ridente e fresca dos seus campos bucolicos; o aceno com que dentre outeiros verdes e terras tumidas nos chamam os trilhos brancos dos brancos caminhos á flor dos montes; a calma e rustica alegria dos povoados, onde tudo canta, desde a tinta aguda das casas aos sinos agudos dos campanarios, das vozes estridulas das raparigas sanguineas aos melros estroinas das azinhagas; esse ar doirado de sol e de georgice que tudo en-

ção de rola, Rita. Então não haverá por ahí moços!

Jesus! Que desperdiçados eles são! Pode-se correr mundo, deambular através de todas as orbes, transpor todos os horizontes, que caras lindas como vós não as ha, mesmo nesta admiravel Terra de Portugal onde ha tão lindas mulheres como rosas num jardim, pela primavera.

Nós que o digamos!

Margarida, Josefina, Lucia e tu ó Rita, olhai lá!

Achegai-vos para bem perto de nós. Dizei-nos os segredos enamorados dos vossos corações, contai-nos na singeleza e humildade das vossas palavras os vossos sonhos doirados, as vossas embalantes ilusões, as vossas doidas chimeras, raparigas!

Ah quem nos dera ser lavradores como vós para ter a ventura de ir convosco, na vossa alegre companhia, por esses arraais alem, entre a poeira loira das romarias, tocando numa viola ou cantando ao despique. Ah! quem nos dera ser lavradores para ter a ventura de vos levar ao altar e mais de perto conhecermos os vossos sonhos doirados, as vossas embalantes ilusões, as vossas doidas chimeras, raparigas.

Não suponham que por vir-mos lá de longe, da falsa e enganadora cidade, nos deixamos enredar em seus encantos maleficos. A cidade é na verdade a corrupção vestida de rainha, deixou-nos como daqui partimos ha já uma boa e bem contada duzia de anos.

A nossa alma, o nosso espirito e o nosso coração são bem eguais — podeis crêr, raparigas — á alma, ao espirito e ao coração desta terra de amôr, linda como outra não ha, no recorte scenografico das suas serranias, na tristeza

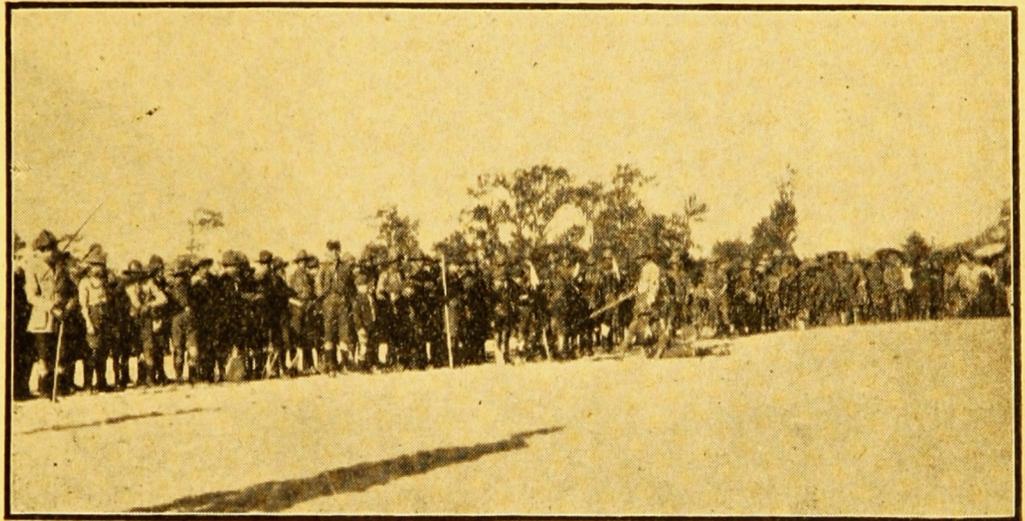
dos seus sincerães verdes, na curva airosa do seu vale, na mancha alacre e policroma do seu casario, na melancolia dos seus montes azuis que suspendem no ceu o desespero bravio dos pinheirais.

CLAUDIO E ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA GUIMARÃES



A Benção do Trapeiro

N'uma pobre agua-furtada, em rua estreita e suja, um padre dispunha para a morte um velho trapeiro.



II ACAMPAMENTO NACIONAL DO C. N. S.

Os Scouts na missa Campal

(Fot. A. Silva Vicente)

Ora, o bom homem estava tão bem disposto, que desejava ardentemente receber a comunhão. Na alcova do moribundo apenas se viam os objectos do seu commercio, que lhe serviam de mobilia.

Saiu o padre, e, em quanto ia pensando n'aquela nudez, aconteceu passar por um magnifico palacio. Lembra-se que ali existe uma joven, de nome illustre, bella e estimavel. Um instinto irresistivel leva o bom do padre a subir, posto que a escada sumptuosa, as flores e os tapetes lhe fizessem bem conhecer a distancia, que devia mediar entre a dona d'aquella casa e o seu humilde protegido. Em fim sobe e conta simplesmente os seus pesares...

— Mas, exclama a joven não se deve consentir que Deus entre n'um tal casebre!... Eu me encarrego de o preparar,

e eu propria lá iréi, será preciso levar tambem a minha aia?

— Ah! sim, minha senhora, sim o trabalho chegará bem para as duas pessoas.

— Mas agora estou pensando: estas coisas devem fazer-se de boa vontade. Julgo melhor levar meu filho: ele tem seis anos, e é bastante esperto; convem muito que ele se acostume a ver a miseria de perto; isto lhe dará alguma felicidade. Pobre criança! precisa bem que Deus o proteja?

— Mas o pobre velho, minha senhora, replicou o padre tremendo, está muito

toda armada de branco, o leito, ou o que fazia as suas vezes, estava ornado com uma linda coberta branca bordada; sobre uma meza, coberto com uma toalha, estava um crucifixo verdadeira obra prima, alguns castiçaes com velas, agua benta e um ramo de oliveira igualmente bento. Nada havia esquecido.

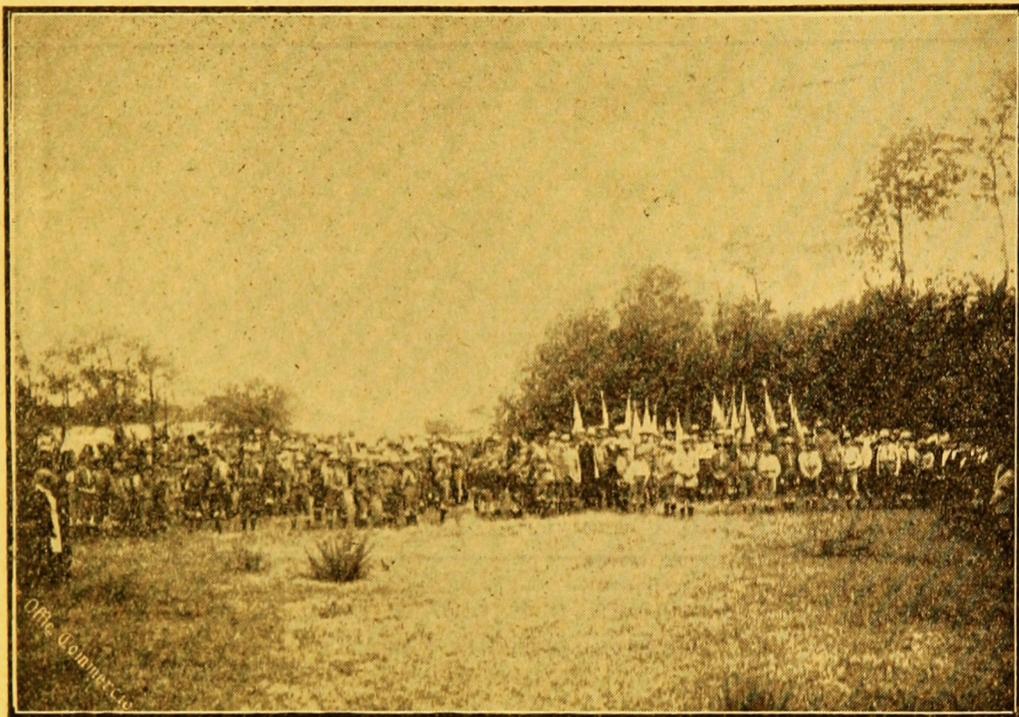
Contudo a joven ficára surpreendida com a vinda do padre no seu ministerio de caridade; estava vestida de branco, e collocára o seu chapéu a um canto da casa. Á vista do Santíssimo, a mãe e o filho ajoelharam junto ao leito do pobre velho, e recitavam ambos a confissão: pareciam dois meninos do côro!... No meio d'este espectáculo, a figura do bom velho aparecia socegada e radiante; seus cabelos estavam penteados, beneficio que provavelmente havia muito tempo não recebiam. O padre aproximou-se para lhe repetir a explicação do que era o Sacramento da Eucharistia.

— Já sei tudo isso, snr. padre, respondeu o bom velho de um modo bastante activo, e como que satisfeito. A boa senhora que, de joelhos está ali, já m'o

havia dito; depois fez-me orar a Deus juntamente com seu filho. Oh! como estou satisfeito!...

Em seguida recebeu o Sagrado Viatico com profunda comoção. Pobre velho! como não acreditaria ele na bondade e providencia de Deus?

A penas o padre terminára a sua ultima oração, eis que a joven senhora toma uma das mãos do velho trapeiro e a coloca sobre a sua bela fronte que conservava inclinada, depois põe a outra mão sobre a cabeça de seu filho, e exclama: — Meu bom e estimavel velho, sois n'esta ocasião, o amigo de Deus, porque haveis comun-



II ACAMPAMENTO NACIONAL DO C. N. S.
Os Scouíes preparando-se para a festa do dia 2

(Fot. A. Silva Vicente)

doente e não póde esperar. Prometi estar ás oito horas, em casa d'ele; será talvez muito cedo para a senhora, porque ele mora longe...

— Ah! fique descansado, estarei lá muito primeiro que vossa reverencia.

Felizmente isto passava-se na primavera. No dia seguinte, pela manhã, á hora marcada, apresenta-se o padre com o sagrado viatico, e encontra a alcova convertida n'uma verdadeira e encantadora capela de Nossa Senhora; fazia, entretanto, pensar no tumulto que a piedade dos fieis prepara, em Quinta feira santa, em cada egreja, para ali se encerrar o Santíssimo Sacramento da Eucharistia: estava

gado: abençoe-nos, se isso é de vosso gosto, e ambos seremos felizes.

— Oh! minha senhora, redargui o bom velho peturbado e comovido, o que é que me pediu! Eu não sou mais de um pobre homem, mas peço a Deus que vos abençoe; ele vos abençoará, porque pertenceis aos seus anjos. Só eles são tão bons como vós o sois. Que Deus vos abençoe! Sim! Que abençoe a vós ambos!

E, pronunciando estas palavras, as lágrimas banhavam-lhe todo o rosto, e dos olhos do bom padre viam-se elas também correr; mas eram, dizia este, as lágrimas mais consoladoras, que, em toda a sua vida, derramára.

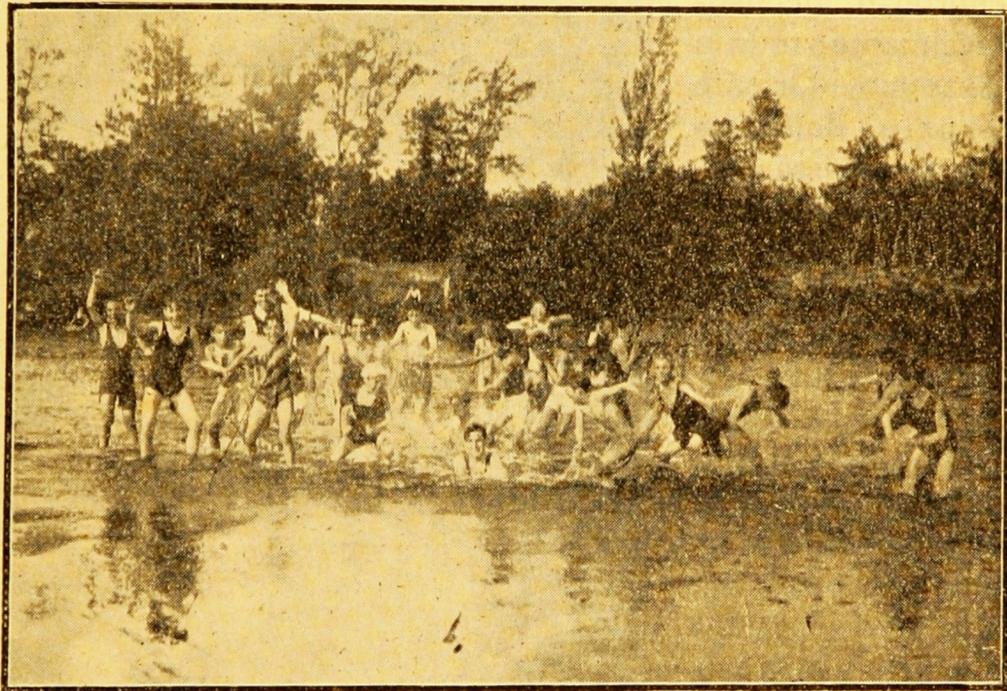
Scenas assim tocantes, consoladoras e edificantes só a nossa santa religião sabe apresentar, porque só ela nos constitue eguaes. A rica e nobre senhora cercára de desvelos e carinhos o trapeiro moribundo; fôra a religião do verdadeiro amor e da fraternal aliança da humanidade que a sublimára representando á cabeceira do enfermo de ministro da caridade; fôra a religião quem lhe inspirára que se humilhasse junto ao grabato do pobresinho para receber com seu filho a benção do justo resignado, que se apresentaria a Deus em breve e que certamente a primeira coisa que pediria ao premiador eterno, seria a confirmação da benção que ele deitára aos seus generosos benfeitores.

E' da essencia de Deus que a sua justiça seja infinita assim como a sua misericórdia. Porem a sua justiça e a sua severidade para com os reprobos ainda é menos estupenda do que a sua misericórdia para com os eleitos.

O egoista não é reconhecido. Escreve com tinta o mal que lhe causa, e com lapis o bem, que se lhe faz.

:: Sacrilegio inaudito ::

Por ocasião da festa da Pascoa, lê-se na *Verità* de Bolonha: O capitão comandante da fragata a vapor chamada *Prince Humbert*, tripulada pelos guardas marinhas, convidou estes a que cumprissem o preceito da Igreja. Todos acederam ao desejo do capitão, e chegaram-se com toda a devoção á Meza Eucaristica. Um certo F. pertencente a uma familia bem conhecida em Genova, tinha concorrido com os outros seus



II ACAMPAMENTO NACIONAL DO C. N. S.

O Banho

(Fot. A. Silva Vicente)

camaradas, porém, ó horror! apenas tinha recebido a hostia consagrada, cuspiu-a na cara ao capelão. Um movimento de cólera e de indignação se apoderou de todos estes mancebos, em quem a vida militar não tinha extinto o sentimento religioso. O sacrilego foi logo preso. O capitão mandou formar os guardas marinhas sobre o convés da fragata, ordenou que conduzissem o delinquente á sua presença e determinou que lhe arrancassem as insignias do seu posto, e, expulsando-o do serviço, mandou reconduzi-lo a Genova, onde a exacração dos seus concidadãos foi para ele um novo castigo, ainda mais pungente.

No dia 15 de Julho passado, precisamente quando o snr. Dr. Antonio José Gomes completava 25 anos após a sua primeira chegada a Macau — a sua alma voou ao seio de Deus a receber o prémio de tóda a sua obra que celebra o seu nome.

A cidade do Santo Nome de Deus de Macau chorou-o inconsolavelmente; todo o Extremo Oriente sentiu dolorosamente o passamento daquele que se devotara a um apostolado divino, a uma constante benemerência.

E' que o rev. Dr. Gomes foi desde o alvorecer da mocidade até o ultimo suspiro, um homem de character que a todos se impunha pelo saber e pela virtude.

Moveram - no a abraçar a vida eclesiastica, a vida missionaria, as palavras repassadas de unção e patriotismo do santo e saudoso missionario Padre Antonio Barroso, numa conferencia que, sôbre a obra das Missões religiosas, realisou na vetusta cidade dos Arcebispos, terra natal do rev. dr. Gomes.

Tendo ingressado no antigo Collegio das Missões Ultramarinas, de Sernache do Bom-jardim, ai demonstrou os seus dotes e virtudes, a ponto de ter merecido a distincção de ser enviado para Roma, a doutorar-se na conhecida

Universidade Apolinaria. Embora doutorado, nenhuma nuvem toldou o horizonte puro que divisara, horizonte de sacrificio, de abnegação, de trabalho e de benemerência no vasto patrimonio colonial português. Macau teve a dita de o receber em seu seio.

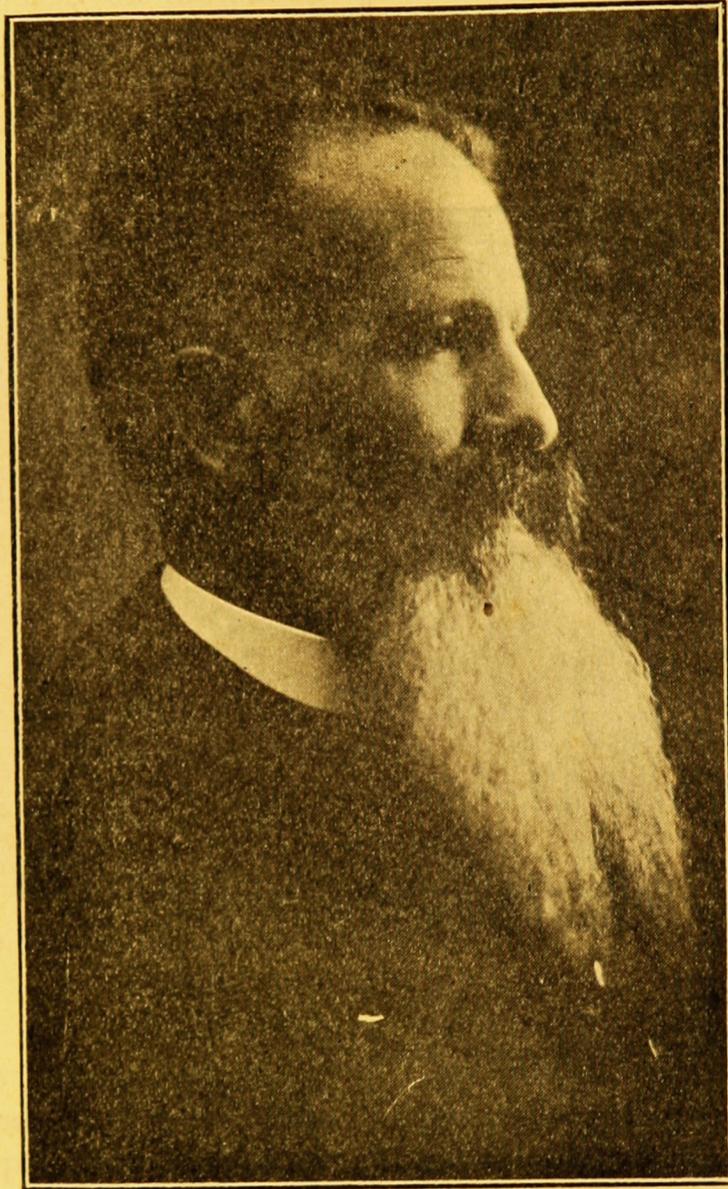
Primeiramente pastoreando a paróquia portugueza de Santo Antonio, que transformou num jardim de flores, pela sua acção zelosa e benemerente, manifestava o seu zêlo catequizando, prégando, ensinando, escrevendo, visitando leprosos e em outros actos de caridade que seria longo citar.

Trabalhou imenso, embora inutilmente por culpa de muitos, para a reconstrução da igreja de S Paulo, templo cujas ruinas, a fachada majestosa, são o maior padrão do que fomos outrora neste

Oriente. Os estrangeiros fustigam a nossa incúria, latego, porém, mais cruel será a memória do rev. Dr. Gomes.

A reconstrução de S. Paulo foi o seu ideal.

Não é o discipulo superior ao Mestre, e o rev. Dr. Gomes teve o seu horto de infindas amarguras, o Pretório dos sarcasmos crueis, o Calvario de agonias lentas. Tudo sofreu com resignação e coragem, esperando sempre não a jus-



Dr. Antonio José Gomes

tiça dos homens porque não existe, mas a justiça de Deus. O Dr. Gomes nunca se defendeu dos ataques feitos à sua pessoa. Quantas vezes ele dizia e até escreveu: «Agora já conheço os homens. Foi uma longa prova com que Nosso Senhor me quiz retemperar. Não esmoreci no meio dos maiores desgostos. Jurei trabalhar até á morte por este ideal, e eis-me pronto como ha 22 anos para com os maiores sacrificios fazer a vontade de Deus». (Extraído do seu diário). O Dr. Gomes deixou um fundo avultado para a reconstrução de S. Paulo, producto duma quermesse realizada em 1904.

Muito mais fez ainda o glorioso missionario.

Foi por muitos anos professor do Liceu Central de Macau, lecionando latim e português, duas linguas que ele conhecia profundamente, e até à doença que o prostrou, ensinou com admiravel competencia disciplinas várias no Seminário de S. José, cuja reitoria exerceu num momento difficil, na expulsão dos Jesuitas pelas leis iníquas de 1910. A sua constância e tenacidade levantaram o Seminário ao seu antigo esplendor, esta casa onde se educaram e instruíram quasi todos os portugueses de Macau, hoje espalhados por todo o Oriente.

Devido ao seu grande zelo, e com o auxilio de amigos que o admiravam, muito contribuiu para levantar o magnifico estabelecimento de Santa Infancia, em substituição do antigo, deficiente sob todos os aspectos. Instituiu na parochia de Santo Antonio a obra do Pão dos Pobres que tanta miseria tem socorrido entre esses inumeraveis chinezes, com que já gastou mais de 400 contos.

Vigario Geral e Governador do Bispado de Macau, dirigiu com tino e acerto o único diário católico «A Patria» que ia levar aos milhares de portugueses dispersos pelo Oriente a pureza da lingua de Camões e a Religião em que foram embalados e onde estão publicados inumeros artigos seus.

Ainda sobre este jornal que tantas canceiras lhe deu e tantos desgostos, escrevia-lhe alguém: «Tenho acompanhado com todo o coração a sua obra de missionário que traz junto ao coração, a sua fé e o seu infinito amor à nossa terra. Só assim se comprehende o esforço imenso de manter como tem feito, um jornal diario nessa terra, tão falta de estimulos às obras de pura dedicação.» Era na verdade um sacrificio inaudito que o Dr. Gomes fazia para manter «A Patria» e pouca gente o comprehendia, mas o Dr. Gomes tudo fazia com os olhos em Deus.

— Rogando ao Senhor que tenha junto de Si a sua alma ansiamos tambem porque em breve veja a luz da publicidade a «Cristiada», poema que ele tinha começado a publicar e que teve de interromper quando adoeceu. A «Cristiada» é um poema de 14.000 versos, ou sejam 1.700 estancias em oitava rima, os quatro Evangelhos harmonizados por forma a sair a vida de Cristo completa, conforme os Evangelhos e pela ordem cronológica. O seu maior desgosto era morrer sem ver este poema publicado.

Que seja respeitada a memória deste prestimoso missionário, patriota sincero, poeta de fino gosto e eminente orador sagrado, é o dever que o exige, é a justiça que o ordena!

Um romancista popular, mais dotado de fatuidade que de talento, dizia, em voz alta, deante de Alphonse Daudet:

— Pódem zombar de mim, eu sei o meu francez.

— Não duvido, murmurou o autor do *Nabad*; mas o que êle não sabe é o francez dos outros.

*

Théophile Gautier, para quem a musica era «o mais desagradavel e o mais caro de todos os barulhos», detestava especialmente o piano. A uma senhora que lhe pedia um dia a sua opinião sobre esse instrumento, ele decaçou:

— Confesso que o prefiro á guilhotina.

No Album dum Hospital

Oração:

MEU Deus! A Dor não há ninguém que a vença.
Paira, na terra, como a sombra escura
E pavorosa duma noite imensa.

Um infinito cális de amargura
Escorre sôbre as almas em tormento.
A Dor atinge o próprio sol, na altura.

Em torvelinho, range, ao longe, o vento.
As notas mais vibrantes da harmonia
Perderam todo o seu deslumbramento.

E' tôda côr de fogo a luz do dia —
A' noite, é tôda sangue a côr do luar —
Senhor! Plas Tuas Chagas alivia

Os doentinhos que aqui vêm parar,
Em fundas convulsões, e — que sei eu! —
Lábios queimados, todo em fébreo olhar.

Um dêles, inda há pouco aqui morreu,
Com Tua doce imagem sôbre o peito
E as pupilas erguidas para o Céu.

Dá ternura, Senhor! Senhor, dá geito
Aos dedos virginais das Religiosas,
Para que, sôbre a dôr de cada leito,

Deponham sempre, com fervor de espôsas,
Florinhas brancas, num sorriso ideal,
Bálsamos frescos, pétalas de rosas.

Enche de paz e amor êste Hospital!
(Os pobresinhos não têm outra casa . . .)
E faz rondar, sôbre êle, em vôos de aza,
Todos os corações de Portugal!

MOREIRA DAS NEVES.

Os sapatos de Aboul-Casim

Em outro tempo havia em Bagdad um homem riquissimo, e muto avarento, chamado Aboul-Casim. Era tal a sua parcimonia, que não podia resolver-se a largar os sapatos velhos. Assim que os rompia mandava remendal-os, e continuava a usal-os por mais quatro ou cinco anos. Por fim estavam tão largos e tão pesados, que se tornaram objecto de um dito proverbial. Quando em Bagdad se falava de algum fardo, dizia-se:

«E' tão pesado como o calçado de Aboul-Casin».

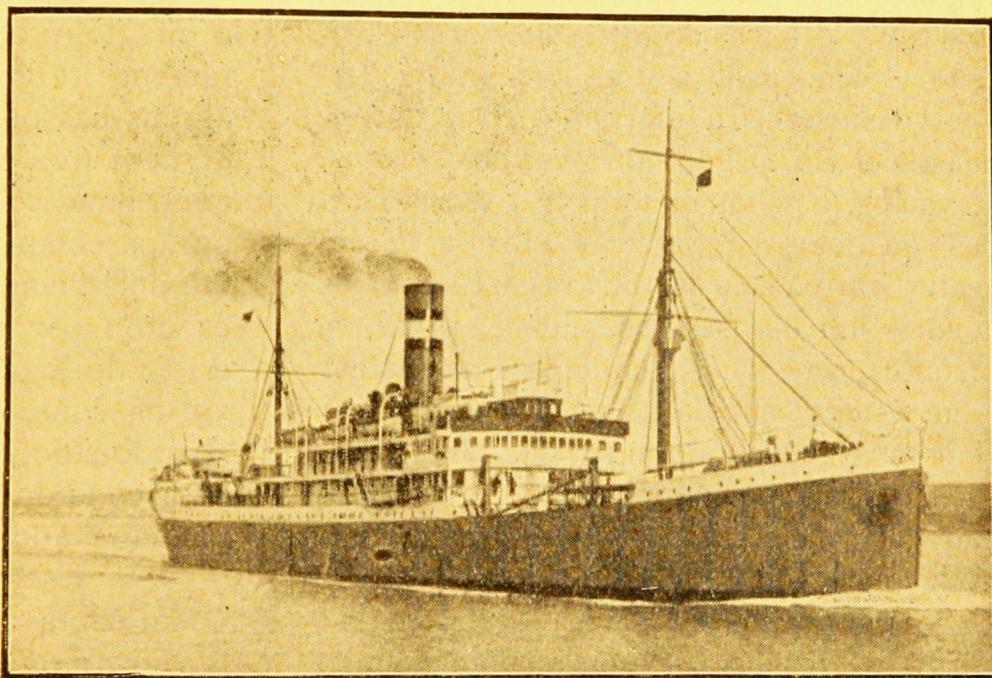
Um dia que andava a passear nos bazares de Bagdad, chega-se a ele um amigo, e diz-lhe, que um negociante de Alepo lhe tinha mandado garrafas baratas. «Comprai umas poucas, diz ele, guardai-as algumas semanas, e depois vendê-las-heis com grande lucro». Agradou a proposta a Aboul-Casim, comprou as garrafas e mandou-as para casa.

Encontrou outro amigo, que lhe disse que acabava de receber agua de rosas de Yésid. «Se quereis alguma, posso cede-la por pouco dinheiro, e daqui a tempos vendê-la-heis pelo duplo do que vos custou». Aboul-Casim comprou a agua, encheu as garrafas, e pô-las em uma prateleira no seu quarto.

No dia seguinte, foi Aboul-Casim ao banho, e quando já estava despido, diz-lhe um dos seus amigos a rir: «Oh! Casim, deixa-me trocar os teus sapatos, porque estes, na verdade, são muito pesados». «Como quizeres, respondeu o avarento Aboul». No mesmo instante veio tambem o cadi, ou juiz da cidade, tomar banho. Quando Aboul-Casim se tornou a vestir, procurou os sapatos, mas não os achou, e vendo em logar deles um calçado novo, pensou que o amigo teria feito a troca.

Sem mais formalidades, apoderou-se alegremente dos sapatos novos, e foi para casa. Por infelicidade tinha pegado nos sapatos do cadi, o qual depois de os ter procurado em vão, e não ter achado senão os horriveis chinelos de Aboul, pensou muito naturalmente, que este o tinha roubado. Mandou-o comparecer no tribunal, e sem querer ouvir-lhe a justificação, condenou-o a uma multa, e a muitos dias de prisão.

Quando Aboul-Casim saiu da prisão, disse lá consigo: «Estes desgraçados sapatos são causa de ter sofrido bastante:



O novo paquete « João Belo », da Companhia Colonial de Navegação

deshonraram-me». Zangado, arremaça-os ao rio Tigre. Alguns dias depois, dois pescadores que tiraram as redes da agua, descobriram os sapatos bem conhecidos em Bagdad. Um deles apanhou-os para os entregar ao seu dono. Como a porta de Aboul estava fechada, deitou-os pela janela do quarto do avarento. Os pesados sapatos caíram na prateleira aonde estavam as garrafas de agua de rosa; virou-se a prateleira, quebraram-se as garrafas, e entornou-se toda a essencia de rosas.

Aboul-Casim ao entrar em casa, vê esta nova desgraça; arranca a barba e os cabelos, chora, e amaldiçoando novamente os sapatos, diz: «E' preciss livrar-me deles; vou enterral-os em um canto da minha casa, e nunca mais os hão de ver». De noite poz-se a fazer um buraco na ter-

ra ; os visinhos ouvindo a bulha, pensaram que ele estava minando os alicerces das suas habitações ; levantaram-se assustados, foram ter com o cadí, e contaram-lhe os seus receios : o cadí mandou prender Casim, e não o soltou senão depois de lhe ter feito pagar nova multa.

Voltando para casa mais triste e mais irritado do que nunca, pega com mão furiosa nos funestos sapatos, e lança-os no canal de uma caranvansara. Alguns dias depois, viu-se que já não corria agua naquele canal ; os trabalhadores encarregados de o limpar reconheceram que estava obstruido pelos sapatos de Aboul-Casim. De novo é levado o avaro para a prisão, e condenado a uma forte multa. Depois deste terceiro infortunio Aboul Casim, desesperado, pegou outra vez nos sapatos, levou-os, e pô-los no terraço a secar, para os queimar, e reduzir a cinzas. Porém salta um cão no terraço, agarra com os dentes um dos sapatos, e deixa-o cair ; o fatal calçada caiu em cima de uma mulher que estava sentada ao pé da casa, e que em consequencia do susto que teve, adoeceu gravemente. O marido foi queixar-se ao governador, e Aboul-Casin foi outra vez condenado á prisão e multa.

Desta feita não sabendo já como se havia de ver livre daquele abominavel calçado, Aboul-Casim pegou nele, e apresentou-se ao cadí, e contando-lhe tudo quanto lhe tinha acontecido, disse-lhe: «Peço-vos que que recebais a minha declaração, e espero que todos os mulsumanos aqui presentes atestem, que para o futuro não haverá mais relações entre estes sapatos e eu ; desejo ter uma certidão, que prove que se estes sapatos causarem ainda algum accidente, alguma desgraça, eu não sou disso responsavel». O cadí, divertido por esta narração, passou a certidão ao infeliz Aboul e deu-lhe um presente.

A cronica não diz, se Aboul-Casin se emendou da avareza ; mas por isto se vê, que á economias bem ruinosas.

Muitas vezes nos envergonhariamos das nossas mais belas acções, se o mundo visse os motivos que a produzem.

O caçador e o leproso

Para o justo, a morte é o fim do exilio e o principio da vida eterna ; por isso, em vez de fugir da morte, muitas vezes clama por ela : para prova disto sirva um velho leproso, que, nas margens do Nilo, foi encontrado por um caçador.

Cançado de tanto andar, o caçador repousava á sombra duma palmeira, ao doce murmurio do regato, e ao arrulho dos pombos.

De repente, uma voz lhe vem ferir o ouvido, e o caçador desperta imediatamente. Olha, escuta. A' distancia de alguns passos, á sombra duma figueira, alguém que ele não vê, cantava, porém com uma voz tão meiga e tão suave, que pareciam elementos celestes, os que lhe deleitavam os ouvidos. O caçador escutou por muito tempo. Aproximando-se do logar, donde sahiam tão maviosos sons, que viu ele ? um escravo abandonado, coberto de lepra. Todo surpreendido o nosso homem julga estar enganado.

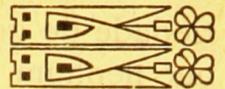
— Escravo, poder-me-has dizer quem cantava ainda agora daqui perto ?

— Era eu, respondeu o velho leproso com doce e meigo sorriso ; estou vendo que isto vos faz maravilha.

— Certamente ; mas qual é a causa da tua alegria ?

— Oh ! pois não vêdes, senhor, estes velhos membros acabrunhados pela dôr ? Alguns instantes mais, e a morte virá dissolve-los e reduzi-los a nada ; e livre da sua prisão a minha alma poderá voar para a verdadeira patria, e lá, refrigerando-se nas aguas da vida, não sofrerá mais tormentos, tudo será ventura ! Eis a razão, caçador, por que eu estava cantando.

Quando se põe os olhos em Deus, como nosso unico e verdadeiro fim, todas as miserias da carne são incentivos poderosos, que fazem com que a alma suspire cada vez mais pelo descanso da eternidade. O escravo era cristão, beijava a cruz que lhe pendia do peito.



Na China — A sua transformação

governativa

A evacuação definitiva de Pequim pelo marechal Chang-Tso-Lin, verificada ha pouco e assignalada tragicamente pelo atentado de que este foi alvo, marca um sensacional acontecimento de aspecto bem mais definido e claro do que todos aqueles que teem vindo intrigando e desnorteando os espectadores das lutas politicas na China,

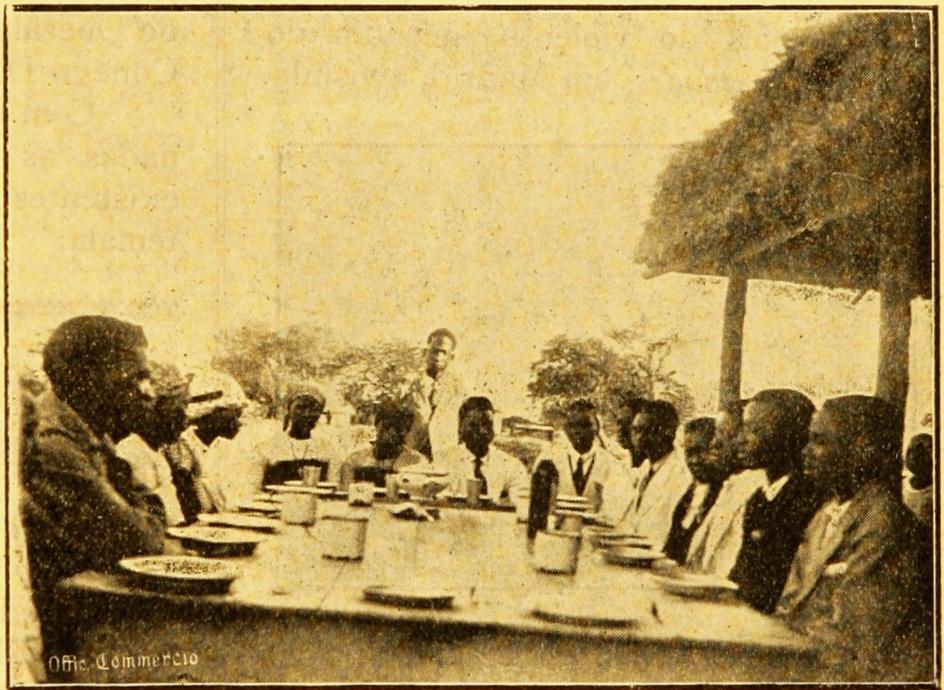
Os propositos e o programa dos nacionalistas chineses, creando ou pretendendo crear uma Republica, em que esteja bem definido o proposito de uma absoluta união, visando um proficuo progresso, levantam-se mais firmes e mais altos sobre todas as luctas partidarias e sobre todas as intrigas politicas que teem pesado sobre aquele paiz, nos ultimos anos. Assim deve ser; e a doutrina da politica nacionalista tem feito lentos, mas decisivos progressos.

Presentemente, esse ideal, se ainda que não levado por completo a efeito, encontra-se prestes a ser realizado e, pela primeira vez desde 1911, toda a China adentro da muralha, com a do Norte e do Sul, é submetida ao «contrôle» de um grupo que professa principios republicanos constitucionais. E dizemos *toda a China dentro da muralha*, porquanto as provincias da Mandchuria, situadas fóra dela, continuam sob o dominio de Chang-Tso-Lin cujo exercito, apesar de tudo, ainda ali não foi batido.

A primeiro tarefa do nacionalismo será, sem duvida, resolver a questão de auctoridade entre eles mesmos, isto é, entre Chiang-Kai-Shek, o sudista; Yen

Hsi-Shan, o governador modelo; e Feng Yu-hsiang, o aventureiro militar.

Logo que entre estas trez personalidades tudo seja satisfatoriamente combinado, outros grandes problemas de capital importancia deverão ser solucionados, a começar pela ordem absoluta a introduzir nas tropas disseminadas e corrompidas pelos efeitos da guerra civil. Calcula-se num milhão, o numero de soldados nestas condições, que teem vivido exclusivamente da pilhagem e do saque, por falta de soldada. Ora, desarma-los e introduzir nas



MISSÃO DE S. JERONYMO DE MAGUDE — Jantar do Casamento

suas fileiras a ordem e a moral, é uma tarefa que levará o seu tempo e será um empreendimento dos mais dificeis, mas nada se apresenta de mais imperioso logo que se queira iniciar na China uma éra de prosperidade pela qual tantas batalhas teem sido travadas e, sem isso, nenhuma Constituição se imporá.

Para as grandes potencias, esta união entre a China do Sul e do Norte representará a restauração da possibilidade de poder entrar em negociações com uma só China, e não com uma va-

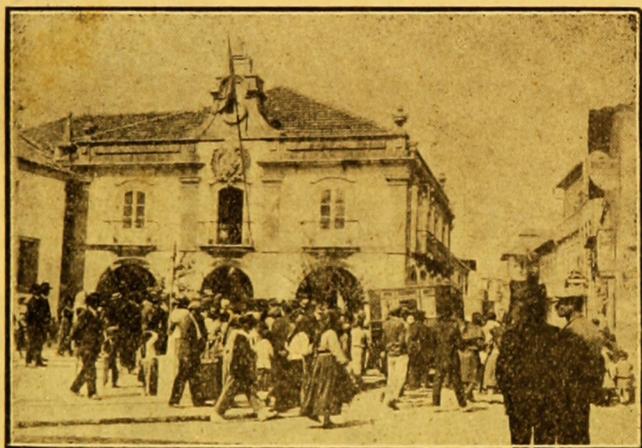
riedade de governos chinezes rivais, em que nenhum deles é capaz de fazer prevalecer os seus principios, como tem acontecido até ao presente.

Isto será tanto mais uma grande vantagem, quanto se nos afigura que deverão ser os representantes das grandes potencias os primeiros a secundar o presente estado de coisas, considerando e respeitando o novo governo chinês e ajudando-o a impor-se.

Neste pé se encontra, presentemente, a politica chinesa. E' de desejar, que tudo se verifique segundo aquele *desiderato*, a fim de que, finalmente, haja paz no Extremo Oriente.

Na Hispanha — Os grandes desastres

Depois do violento incendio do *Teatro Novedades*, em Madrid, a visinha



ESPOZENDE — Cortejo saindo da Camara Municipal, por ocasião da visita dos jornalistas portuenses ultimamente feita áquella linda vila, onde foram estrondosamente recebidos. Cliché. C. Pires

Hispanha continua a sofrer outros desastres, cada vez mais notaveis,

Agora, ha a lamentar um choque de comboios do qual resultou 8 mortos e 19 feridos.

Num dos ultimos dias entre as estações de Baesa e Jabalquinto, chocaram o expresso ascendente da Andaluzia e o rapido descendente de Algeciras. As duas locomotivas ficaram quasi destruidas, tendo ficado estilhaçada, em consequencia do choque, uma caruagem de 1.^a classe. Nas estações proximas foram rapidamente organizados

comboios de socorro, tendo o trabalho de salvamento revestido grande dificuldade devido á escuridão e á chuva, que caía no momento. Os feridos são em numero de 19, dos quais 7 com gravidade.

Dos 8 mortos retirados já foram identificados cinco.

A Santa Sé e a Guatemala

O governo da Republica da Guatemala chegou a acordo com a Santa Sé. Em virtude desse acordo, a diocese de Guatemala passa a arquidiocese tendo por sufraganea a diocese de Quezaltenango.

Para arcebispo foi nomeado o rev. padre Paulino Luiz Durrón. Para bispo de Quezaltenango foi designado o Rev. Conego D. Jorge Garcia.

Com estas nomeações ficam terminadas as desinteligençias até agora existentes entre a Santa Sé e a Guatemala.

.. A meza deitada por terra ..

Um antigo official tinha uma grande paixão pelo jogo. Já tinha perdido uma grande parte da sua fortuna, mais de um milhão, sem ter por isso perdido a mania pelas cartas. Restava-lhe apenas uma bela propriedade para onde foi obrigado a retirar-se, não tendo já meios para viver na capital, segundo a sua posição. Tinha por unica occupação caçar e jogar quando podia, porém todos os seus vizinhos eram pessoas razoaveis que não jogavam senão para se divertir, e o official queria sempre, mas em vão, leva-los a maior jogo.

O velho Tomaz, seu criado particular, homem fiel, que o tinha sempre acompanhado em todas as suas campanhas, tentava inutilmente, fazendo-lhe ver o resultado das suas antigas perdas, arranca-lo á sua desgraçada inclinação. O official não perdia ocasião de se en-

tregar ao jogo de parar. Esta paixão tinha completamente mudado o seu character. Dum trato fragil e suave, tornara-se de mau humor e aspero, e sujeito a arrebatamentos furiosos. Excessivamente intolerante para com as pessoas que o serviam, só o fiel Tomaz se atrevia a apresentar-se afoutamente diante dele; e assim mesmo tinha todo o cuidado em o não exasperar.

Um dia veio visita-lo um estrangeiro, foi convidado a jantar, e ao levantar da meza, o official convidou-o a uma partida de jogo. Aceito o segundo convite, travou-se o combate em presença unicamente de Tomaz; anoitece, e Tomaz, bem contra a sua vontade, foi-lhes preparar os castiçais; a sessão prolongou-se até alta noite. A fortuna nem um momento deixou de favorecer o estrangeiro. O official perdeu sucessivamente dinheiro, joias, cavalos, caruagem, até uma grande soma debaixo de palavra.

Tomaz estava em espinhos; o seu amo de desesperado mudava de posição a cada momento. Num acesso de raiva disse: jogo nesta carta esta minha propriedade; o estrangeiro aceitou.

Tomaz, então, que previa a total ruina do seu amo, precipita-se sobre a meza, atira por terra os castiçais, rasga as cartas e foge. Não se póde descrever a furia e o frenesi em que ficou o official. Lovanta-se, pega numa espingarda, corre toda a casa e seus arredores para matar o creado fiel.

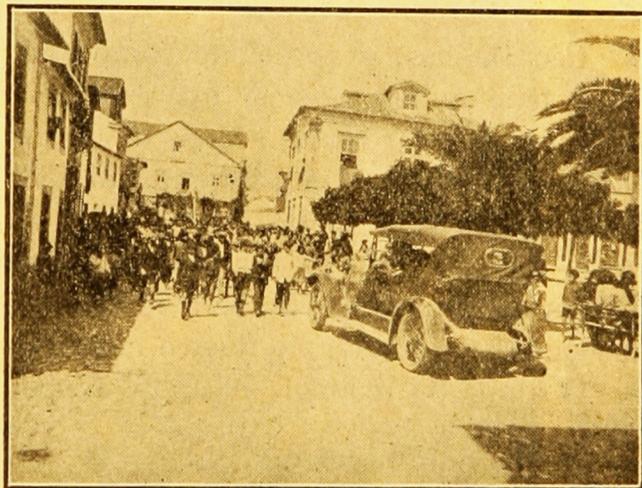
Tomaz estava em um lugar seguro. O estrangeiro tinha partido, o official cançado inutilmente de procurar o creado, prostrado pelas fadigas do dia, foi obrigado a deitar-se. Dormiu por muito tempo, e quando acordou, representou-se-lhe toda a scena da vespera. Envergonhado do seu proceder, perguntou por Tomaz. Que venha sem receio, dizia ele, ele tem mais juizo do que eu. Tomaz apareceu, mas com um ar timido. Meu bom Tomaz, exclamou o amo, dando-lhe um abraço; tu julgas que me não fizeste hontem senão um serviço; pois fizeste-me dois. Com o teu zelo,

conservo os meus bens, com o teu zelo estou curado da paixão do jogo, Terás daqui em deante cem mil reis de renda para ti e para os teus; acabaremos os nossos dias juntos; tu já não és meu criado, és o meu melhor amigo.



Consequencia de uma primeira comunhão bem feita

Um filho de operarios honrados tanto quanto o podem ser homens sem principios religiosos, acabara de fazer a sua primeira comunhão com um fervor admiravel. No seguinte domingo levantou-se cedo, vestiu-se com o melhor fato, e quando ia para sair, perguntou-lhe o pae: — «Onde vais tu já?» — A' missa, meu pae, respondeu o filho. «Guardarei o domingo servindo a Deus devotamente». Sabeis o mandamento? Depois da graça que Deus



ESPOSENDE — O cortejo dos jornalistas portuenses atravessando uma das ruas principais

(Cliché C. Pires)

me fez, poderia eu mostrar-me ingrato? — Ora, replicou o pae, trabalha e passeia, e deixa lá os padres.

— Mas, redarguiu o filho, tambem será uma tollice este mandamento de Deus: «Honrarás pae e mãe a fim de viverdes longamente.»

Quem ficou confundido? Foi o artista que, não tendo nada que responder, deixou o filho, admirando-lhe contudo no fundo do seu coração, a presença de espirito e o seu bom senso.

O facto é que oito dias depois, este já ia acompanhado á missa, de seu pae e de sua mãe.

ANECDOTAS HISTORICAS

Gravemente enfermo, Henrique Heine escrevia o seu testamento, quando recebeu a visita de Alexandre Weill :

— Estou formulado, meu amigo, disse o poeta, as minhas derradeiras vontades. Lego o que possuo á minha mulher, a quem imponho, contudo, uma condição: ella se casará segunda vez, o mais depressa possível. D'esse modo, existirá, pelo menos, no mundo, um homem que todos os dias lamentará a minha morte.

*

Rochefort, o velho e espirituoso jornalista falecido ha pouco tempo, resumiu, n'um dia em poucas palavras, o programa dos socialista :

« Art. I. — Nada mais existe

« Art. II. — Ninguem está encarregado da execução do presente decreto. »

*

Léo Delibes, o apreciado compositor, tinha feito uma musica expressamente para acompanhar certas scenas de *Le Roi s'amuse*, de Vitor Hugo, de que, em 1882, se dava uma « reprise. »

— Eu me julgava muito feliz, disse Delibes ao grande poeta, se a minha musica pudesse agradar ao illustre mestre.

O autor do drama, sorrindo, respondeu :

— Ella não me incomoda.

*

Conversando com Luiz Philipe Dupin disse :

— Ducidamente, vejo que o rei e eu nunca estaremos de acôrdo sobre esse assumpto.

— E' essa tambem a minha opinião,olveu o soberano; sómente... eu não lh'ou ousava dizer.

*

Um auctor mediocre dizia a Piron:

— Desejo fazer um trabalho inteiramente original; quero um assumpto em que ninguem tenha ainda pensado nem pensará nunca...

Faça o seu proprio elogio, aconselhou o escriptor.

*

Um joven pintor apresentou-se um dia a Horace Vernet, a fim de solicitar o seu juizo sincero a respeito de dois desenhos.

Vernet, depois de examinar apenas um deles, declarou sem hesitar :

— Prefiro o outro; é muito melhor.

*

Dizia-se em presença de Fontenelle, muito edoso, que o café era um veneno.

— E' possível, observou elle; mas deve ser muito lento, porquanto ha oitenta anos que elle me mata.

Colecção "Veritas,"

Está já impressa, pronta a sair em outubro, a primeira novela desta *Colecção*.

Intitula-se *O Avô*, e é seu autor Nuno de Montemor, sendo illustrado por Clotilde Mateus.

Livro onde canta e scintila a flôr da ternura portuguesa, ao ser lido num cenario de escriptores, todos o julgaram a melhor obra de Nuno Montemor.

As illustrações são a revelação de um novo talento no meio artistico portugês, sendo Clotilde Mateus um dos novos valores descobertos pelo movimento que Nuno de Montemor e a *União Gráfica* lançaram.

O volume é magnificamente impresso em optimo papel, com capa a tricromia, e será remetido pelo preço de 6\$00 aos assinantes que enviem, até 3 de outubro esta importancia, acrescida de \$80 para porte do correio, á *União Gráfica* — Travessa do Despacho, 16 — Lisboa.

Uma vez posto no mercado o preço do livro será elevado pois que o custo de 6\$00 é um preço de sacrificio feito em favor dos assinantes que, desde a primeira hora, applaudiram um movimento, que tem por fim a renovação da literatura catolica em Portugal.